
Transgenders: construções afetivas, políticas da alteridade

Eliane Borges Berutti

Resumo

A abordagem do romance Stella Manhattan, de Silvano Santiago, abre espaço para a discussão de uma experiência transnacional em que a construção da afetividade e o questionamento político se fazem presentes: o encontro com a ativista política e veterana de Stonewall, Sylvia Rivera.

Palavras-chave: Transgender. Sexualidade. História dos Estados Unidos.

O romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, já foi alvo de múltiplas leituras. O próprio escritor acenou para uma interpretação de sua obra, quando proferiu a palestra “Por uma literatura anfíbia”, no Departamento de Espanhol e Português da New York University (NYU), em 23 de abril de 2002. Ao defender esse conceito que conjuga arte e política, Santiago citou como exemplo o romance em questão. Em minha leitura, privilegio a intersecção sexualidade/política. Elegi enfocar os personagens Marcelo, coronel Vianna e Eduardo, por terem em comum a sua sexualidade. Ademais, esses três personagens estão envolvidos, de formas diferentes, na guerra civil que tomou conta do país, depois do golpe militar de 1964.

Marcelo Carneiro da Rocha, codinome Caetano, é comunista e *gay*. Ele obteve o diploma de graduação em Letras na Nacional, e decidiu seguir a carreira acadêmica na mesma universidade. Como sua situação política tornou-se insustentável, por estar lutando contra o golpe militar, ele aceitou o convite para trabalhar como *lecturer* na NYU por dois anos. Contudo, lecionar literatura brasileira no Village não era a única atividade desenvolvida por Marcelo naquele país. Ele também participava do grupo de guerrilheiros brasileiros que estava se articulando em Nova Iorque. No que diz respeito à sua sexualidade, Marcelo revela que não é *gay* exclusivo. Como sua noiva Cris tinha uma forma tradicional de lidar com a sexualidade, ela permitiu o sexo somente depois do casamento - o que era perfeito para Marcelo. Segundo o professor de literatura, seus anos de noivado foram os melhores de sua vida. Uma vez casados, os problemas surgiram. Enquanto Cris desejava ter um filho, seu marido se opunha, pois era contra a procriação. Além disso, Marcelo estava ciente de sua condição de *gay*. Por conseguinte, ele tentou evitar sua mulher sexualmente, por um período de dois anos, temendo uma gravidez indesejável. Ao se comparar com os bissexuais, o militante declara que, ao contrário desses, ele gosta de fazer sexo com os homens e apenas “a perfumaria” com as mulheres. Pode-se perceber por que ele teve problemas em seu casamento.

A crítica mais incisiva do romance contra a ditadura militar vem através do coronel Valdevinos Vianna, conhecido como “a Viúva Negra”, pois dirigia seu Mercedes preto à procura de rapazes em Copacabana. Na verdade, o que realmente dava prazer a esse oficial do Exército era vestir-se com roupas de couro preto e apanhar na cara. No final dos anos 60, o famoso coronel era considerado como um perverso sexual; nos dias de hoje, ele faria parte da comunidade s/m (somasoquista). De acordo com Marcelo, foi ele quem iniciou a tortura no país após a morte de Castelo Branco. O coronel conquistou um prêmio ao desempenhar papel importante no regime militar “pelos bons serviços nas masmorras da repressão”: foi enviado a Nova Iorque como adido militar. O próprio oficial confirmou parte dessa informação. Quando Eduardo o parabenizou por seu inglês fluente, Vianna explicou por que falava a língua tão bem e sem sotaque – “tinha sido durante muito tempo homem de liaison entre o Exército brasileiro

e a Embaixada Americana (antes da transferência para Brasília)" (SANTIAGO, 1985, p. 59). O adido militar também declarou que havia feito cursos com militares gringos tanto nos EUA como no Panamá. Ironicamente, os mesmos termos que o oficial sadomasoquista emprega para se referir aos comunistas – "bicha", "viado" – são usados pelos comunistas quando o mencionam. Torna-se claro que sua homofobia internalizada o impede de enxergar sua própria sexualidade.

Eduardo da Costa e Silva está intimamente relacionado a Marcelo e ao coronel Vianna. Ao ter problemas devido à sua sexualidade transgressora no Brasil, Eduardo foi "exilado" para Nova Iorque com a finalidade de trabalhar no consulado brasileiro. Seus pais não toleraram o escândalo que ocorreu no início de 1968. Embora fossem cristãos, os laços de família não prevaleceram, já que se mantiveram intolerantes. Eduardo leu tanto o silêncio como a distância de seus pais como uma forma de destruição. Entretanto, nos EUA ele teve a oportunidade de sair do armário com o auxílio de seu vizinho Francisco Ayala, um refugiado cubano. Quando Paco confessou a Eduardo que era um *maricón*, e falou sobre os lugares de pegação em Manhattan, algo aconteceu com o exilado brasileiro. Eduardo foi tomado por sua própria emoção, não podendo mais conter as lágrimas:

As lágrimas escorriam e, escorrendo, relaxavam os músculos de Eduardo enquanto o rosto ia reganhando aquela luz que certos santos mártires irradiam nas pinturas do Renascimento, assim o via Lacucaracha, sentado ao seu lado. Olhava para Eduardo e, no lugar do rosto, de repente Paco viu uma luz que brilhava com tal intensidade que os seus olhos tiveram que ficar pisca-piscando para que pudessem suportá-la. Temeroso e feliz, tal um rei mago que vislumbra no céu a estrela que conduz ao salvador, se aproximou delicadamente de Eduardo... (SANTIAGO, 1985, p. 36)

A estrela vislumbrada por Paco no céu é Stella Manhattan, cuja existência emerge, de forma paulatina, dos atos e palavras de Eduardo. É interessante observar que "bicha" é um termo bastante amplo usado no romance, para fazer referências a práticas sexuais diversas. Eduardo é qualificado como "bicha", tal como Marcelo e o coronel Vianna. Todavia, ao contrário do guerrilheiro *gay* não-exclusivo ou do oficial do Exército sadomasoquista, Eduardo demonstra um aspecto diferente em relação à sua sexualidade.

O primeiro parágrafo do romance focaliza o personagem-título. Como não é utilizado nenhum pronome, o leitor supõe que Stella é uma mulher. No entanto, a partir do segundo parágrafo, o pronome usado é o masculino: "Stella percebe, como não ia deixar de perceber? a velha vizinha de frente que o observa ... Esta comenta o teatrinho matinal de Stella no palco da janela aberta ... e conclui: "He's nuts." ... Stella inspira o ar poluído da manhã ... E vai sendo tomado por um frisson nostálgico..." (SANTIAGO, 1985, p. 12, grifo nosso). De forma gradual, o leitor percebe que Stella é, na verdade, um homem.

Deprimido, paranóico, e tímido, Eduardo tem uma contraparte feminina que é seu oposto, pois Stella é alegre, corajosa e exuberante. Longe de ser uma dama, ela tem personalidade forte e, acima de tudo, ela ousa falar o que pensa. Em suma, ela é fascinante. Eu pergunto aqui, como classificar Eduardo/Stella? Um *gay*, um travesti ou, até mesmo, uma pessoa esquizofrênica? Eu prefiro qualificar Eduardo/Stella como um *transgender*. Paisley Currah e Shannon Minter explicam o significado do termo no manual político *Transgender Equality*:

Transgender tornou-se um termo guarda-chuva que é usado para descrever uma variedade ampla de identidades e experiências, incluindo os transexuais pré-operados, pós-operados e não-operados, os *cross-dressers* masculinos e femininos (às vezes chamados de travestis, *drag queens* e *drag kings*), as pessoas intersexuais, e homens e mulheres, independente de orientação sexual, cujas aparências ou características são percebidas como sendo atípicas em relação ao gênero. Em seu sentido mais amplo, *transgender* engloba qualquer pessoa, cuja identidade ou comportamento não se enquadra nas normas estereotipadas de gênero (CURRAH; MINTER, 2000, p. 3-4)¹.

Ao contrário de Marcelo e do coronel Vianna, altamente comprometidos com a política brasileira, "Stella era muito pouco nacionalista. Queria uma verdade política nova e libertária, de uso pessoal e coletivo, que imaginava calado sem chegar a formular, mesmo porque não seria capaz." (SANTIAGO, 1985, p. 20-21). Ironicamente, Stella não chegou a vivenciar essa política nova e libertária, já que foi baixa da guerra civil que caracterizou a política brasileira da época. Paco atribui a morte de sua vizinha brasileira ao coronel Vianna. Entretanto, a meu ver, ele não é o único a ser responsabilizado. Stella Manhattan foi vítima de uma armadilha tanto da direita como da esquerda. Ao decidir amedrontar o oficial do Exército, o grupo de guerrilha localizado em Nova Iorque desconhecia a intensidade do envolvimento que Eduardo tinha com Vianna. Os comunistas se enganaram ao julgar que Eduardo poderia escapar do coronel com facilidade; ele sucumbiu na teia da "Viúva Negra".

Sob minha ótica, a fascinação que Stella exerce no/a leitor/a a faz imortal. O/A leitor/a, porém, está ciente de que Eduardo morreu com sua cabeça esmagada contra uma parede da prisão, depois de ser sido estuprado por seus companheiros de cela, vítima da estigmatização de sua identidade *transgender*. Eu sugiro que nós, leitores, façamos como as autoridades norte-americanas que preferiram ignorar a morte de Eduardo. Como Paco, poderemos vislumbrar Stella como uma estrela brilhando no céu de Manhattan. Finalizo minha leitura do romance com minha imagem favorita deste personagem:

[Stella] expira e abre os braços como vedete na apoteose final de teatro de revista da Tiradentes e, se tivesse uma escada na sua frente, galgaria degrau após degrau entre plumas, strass e paetês, luxuosamente, luxuriosamente galgaria os degraus até chegar ao topo de onde em afinado e longo trinado, jogando

¹ Minha tradução assim como todas as demais deste artigo.

beijos beijos e mais beijos para os admiradores que gritam em delírio: "É a maior! é a maior!", de onde tremularia a voz num agudo que ribombaria pelas abóbadas do céu de Manhattan sob os aplausos frenéticos da platéia. Stella Manhattan: Estrela de Manhattan (SANTIAGO, 1985, p. 12-13).

A abordagem do romance de Silviano Santiago abre espaço para a discussão de uma experiência transnacional em que a construção da afetividade e o questionamento político se fazem presentes: o encontro com a veterana de Stonewall e ativista política, Sylvia Rivera.

Brooklyn. Park Slope. Transy House. Uma sala de estar numa casa velha. O lugar está apinhado de livros. Uma passagem aberta para outro cômodo está bloqueada por prateleiras repletas de equipamento de som e de vídeo. Uma pessoa com olhar cansado está sentada ali, e, de vez em quando, toma um gole de vodka que vem de um esconderijo atrás da poltrona em que está sentada na frente de um dos monitores. Ela está de jeans e um abrigo, mas deveria estar usando um vestido preto largo e um colar de contas. Ela ficaria ótima sentada num casebre na Venezuela, ou Novo México, ou Porto Rico. Ela é um xamã ... (MOORE, p. 1).

Esta é a descrição de Sylvia Rivera no inédito intitulado "Glamour Queens". Mas quem é essa personagem? O que segue é parte da biografia que circulou na Internet por ocasião de sua morte, distribuída pela Associação de Alunos LGBT da NYU (NYU Office of LGBT Student Services):

Nascida em 1951, Sylvia Rivera começou sua vida como uma *drag queen* aos 10 anos de idade. Vivendo nas ruas, ela se envolveu nos anos 60 com o movimento feminista e o movimento anti-guerra. Esteve presente e participou da revolta de Stonewall, que foi o início do movimento moderno dos direitos *gays*. Também foi membro ativo da GLF (Gay Liberation Front) (Frente de Liberação Gay) e da GAA (Gay Activists Alliance) (Aliança de Ativistas Gays). Em 1970, ela e Marsha P. Johnson fundaram STAR – (Street Transvestite Action Revolutionaries) (Ação Revolucionária dos Travestis de Rua), um grupo dedicado a ajudar jovens *drag queens* que viviam nas ruas. STAR House foi uma das primeiras casas coletivas para *transgenders* ...

Sylvia foi uma luz que guiou o movimento dos direitos *queer* por mais de 30 anos. Ela é co-fundadora da organização dos veteranos de Stonewall. Suas atividades políticas giram em torno da AIDS, de questões relativas aos sem-teto e dos direitos dos *transgenders*. Em 1998, American Boyz elegeu Sylvia Rivera a mãe de todos os *transgenders* ...

O que essa parte da biografia de Sylvia Rivera não revela, mas é sublinhado na citação anterior é sua origem latina. Cabe lembrar aqui que, nos Estados Unidos, os latinos são considerados como pessoas de cor. Por conseguinte, ela viveu sob dupla exclusão – étnica e sexual. Sylvia passou os últimos anos de sua vida na Transy House, uma casa

coletiva para *transgenders*, inspirada na STAR House. No inédito "Sylvia Rivera at Transy House", Rusty Moore, a "mãe" dessa casa coletiva localizada no Brooklyn, dá seu depoimento sobre a líder política latina:

Após alguns meses de amizade, Sylvia começou a se hospedar na casa periodicamente. Num certo momento, quando um grupo de seus companheiros que saíram dos piores para morar em um apartamento estava tendo dificuldades de relacionamento, ela indagou se poderia viver na Transy House. Isso aconteceu no outono de 1996. ... Para nós era como se tivéssemos uma relíquia viva de nossa história *queer* conosco, como se ela fosse nossa rainha no exílio. [...]

Tive a impressão de que Sylvia desabrochou na Transy House, embora isso não tenha acontecido da noite para o dia. Parecia que, pela primeira vez em sua vida (ela estava com uns 45 anos), ela teve um ambiente protetor, onde pôde viver em paz como uma mulher *trans*. Depois de um certo tempo, ela começou a referir a si mesma como *transgender* ao invés de *drag queen*. Em dado momento, ela começou a tomar hormônios de novo e, mais tarde, a usar seu cabelo num corte feminino. Ela passou a se vestir como mulher em tempo integral, porém de uma forma discreta. Seu estilo mudou de "*glamour de drag queen*" para sua versão de "mulher". Eu me senti feliz ao ver que Sylvia finalmente teve uma certa "paz" que a libertou para ser a pessoa que ela é. ...

Não tenho dúvidas de que Sylvia é a líder política mais carismática que temos na comunidade *trans*, a que melhor estabelece a ponte entre as pessoas de cor, trabalhadores/as do sexo, e a comunidade *queer* mais ampla. Ela é famosa no mundo inteiro, e devemos cuidar dela. Acredito que a comunidade que se desenvolveu ao redor da Transy House é seu *staff* e seu centro de comunicações (MOORE, p. 2-4).

Na Transy House, Sylvia conheceu Julia Murray e tornaram-se companheiras inseparáveis. Aliás, para ser mais precisa, Sylvia se referia à Julia como "amante". Foi desta forma que me apresentou Julia em sua palestra na NYU. Na homenagem à Sylvia Rivera, realizada na Igreja Judson Memorial em 25 de abril de 2002, Julia revelou emocionada que tinha sido alvo do amor incondicional de Sylvia. Devo confessar que também me emocionei quando constatei que estávamos reunidos naquela noite para homenagear uma pessoa que viveu a maior parte de sua vida nas ruas, sendo obrigada a se prostituir para sobreviver, pois foi rejeitada pela família. E, mesmo assim, essa pessoa era portadora de uma qualidade rara - amor incondicional.

No dia 8 de outubro de 2001, eu conheci Sylvia Rivera por ocasião de sua palestra na New York University. Sua participação foi anunciada no mês dedicado ao orgulho *gay* como: "Líder do STAR, Sylvia Rivera fala sobre sua experiência na revolta de Stonewall e a história do ativismo *transgender* na cidade de Nova Iorque." Nesse encontro, ela

conseguiu me chocar, assustar, impressionar e emocionar. Eu decidi chegar cedo no Ultra Violet Café para poder ver de perto esse personagem histórico. Assim que cheguei, notei uma mulher *transgender* que mais parecia uma bruxa de contos de fada com nariz adunco, queixo pontudo e olhos penetrantes. Ignorando essa mulher, fiquei olhando para a porta esperando a chegada de Sylvia. Depois de alguns minutos, eu notei que a bruxa caminhava na minha direção. Ela sorriu para mim e perguntou meu nome. E acrescentou que achava que eu era uma amiga dela que não via há muito tempo. Tentando me livrar dela rapidamente, respondi que ela havia me confundido com outra pessoa. Decidi ser educada e perguntei: “E qual é o seu nome?” Ao que ela respondeu: “Sylvia, Sylvia Rivera”. Devo confessar que fiquei chocada com essa resposta. Minha primeira reação foi: “Impossível, essa mulher não pode ser a Sylvia.” Naquele momento, porém, me dei conta de que tinha na memória fotos antigas, tiradas nos anos 60 e 70, do personagem consagrado do livro *Stonewall* de Martin Duberman (DUBERMAN, 1994). Levei um tempo para admitir que fiquei esperando por Godot, pois estava na frente da mesma pessoa que fez parte de Stonewall. Sua aparência física revelava uma mulher muito mais velha do que ela deveria ser – 50 anos. Ao examinar seu rosto, pude reconhecer alguns traços das fotos antigas, assim como observar o estrago causado pelas drogas e uma vida vivida na rua. Além do mais, ela não tinha os dentes de cima e os de baixo estavam em péssima condição. Finalmente, consegui dizer quem eu era e o que estava fazendo na NYU – pesquisa de pós-doutorado em *queer studies*. Ela imediatamente começou a me fazer muitas perguntas sobre o Brasil. E conversamos animadamente sobre ela, Stonewall e *transgenders*. Aproveitei a oportunidade para esclarecer alguns pontos. Sobre terminologia, ela afirmou que não gostava de usar a palavra “*drag queen*”, ela preferia o termo “travesti”, embora admitisse ser um termo antigo, fora de uso. No que diz respeito à sua sexualidade, ela confirmou que tinha recomeçado a tomar hormônios há algum tempo atrás. E quando lhe perguntei se tinha planos para fazer uma cirurgia de troca de sexo, ela reagiu de forma categórica, exclamando: “Ninguém toca no meu pênis!”

Ao longo de sua palestra, Sylvia me impressionou muito. Em primeiro lugar, percebi nitidamente que ela não teve uma educação formal. Ela viveu a maior parte de sua vida na rua, ganhando a vida e lutando por suas causas, ao contrário da maioria das pessoas que fica em casa lendo livros sobre como se deve viver. Ademais, eu pude notar que sua falta de educação formal contrastava nitidamente com seu carisma e liderança. Sua palestra foi marcada pela dor, raiva, emoção, acusação e cobrança. Sylvia Rivera se envolveu em muitas questões políticas, participou de muitas passeatas, foi presa várias vezes e espancada algumas vezes. Apesar de tudo por que passou, Sylvia não ficou anestesiada, pois ela não perdeu a raiva nem a emoção, principalmente quando deu seu depoimento sobre Stonewall e as condições em que vive a comunidade *transgender*. Acima de tudo, o que

mais me impressionou foi seu acúmulo de experiências. Como ela usou a palavra "história" inúmeras vezes, eu imaginei que ela era um livro de história ambulante. Ou, utilizando outra imagem, ela era uma pessoa experiente contando aos mais novos, os alunos de graduação da NYU, o que havia acontecido no passado, mas não estava registrado nos livros de História.

Com referência a Stonewall², Sylvia lembrou a audiência de que aos *gays* não era permitida a freqüência em bares regulares. Esse era o motivo por que somente a Máfia podia administrar os bares *gays*. Ela também lembrou que The Stonewall Inn era um bar de classe média branca; poucas *drag queens* o freqüentavam. Numa batida comum, a polícia costumava dizer para os fregueses saírem do bar e dispersarem. Segundo o depoimento de Sylvia, a revolta de Stonewall não foi planejada; aconteceu de forma impulsiva. Ela acrescentou que, naquela noite especial, os fregueses reagiram violentamente contra a batida policial, provavelmente porque Judy Garland tinha falecido naquela mesma noite. Ela recordou, com emoção, a força e a raiva que predominaram naquela noite. As pessoas gritavam: "A liberação está aqui!", "A revolução está aqui"! Sylvia nos revelou que, depois de Stonewall, ela pôde ver mulheres de mão dadas com mulheres; e homens de mãos dadas com homens. Finalmente, aqueles homens e mulheres puderam mostrar em público que eram *gays* e lésbicas.

O que me chamou a atenção em sua fala foi o uso de pronomes. Sylvia estabeleceu uma diferença entre "nós", a comunidade *transgender*, e "vocês", a comunidade *gay* e lésbica, para acentuar o repúdio político desta comunidade aos *transgenders*. Ela enfatizou as diferenças entre as comunidades *transgender* e a *gay/lésbica*. Na sua opinião, o opressor e o oprimido muitas vezes trocam de lugar com muita rapidez. Ao falar sobre a GLF (Gay Liberation Front) (Frente de Liberação Gay) e a GAA (Gay Activists Alliance) (Aliança de Ativistas Gays), ela afirmou que a GAA era uma organização racista e transfóbica. Ela também salientou que, em 1974, os políticos queriam os *transgenders* fora do projeto de lei a fim de que pudesse ser aprovado. A seu ver, muito do que foi feito para o movimento *gay* e lésbico foi realizado por *transgenders*. Sobre a sua comunidade, ela admitiu: "Nós somos um povo singular". Como característica básica, o *transgender* não tem família; ele/ela vive nas ruas e não há ninguém para cuidar dele/dela. Em seu depoimento, Sylvia declarou ser contra o casamento, porém defendeu com veemência a idéia de direitos civis para as pessoas de sua comunidade. Ela finalizou sua palestra com a seguinte declaração: "Somos todos seres humanos".

Eu afirmei acima que Sylvia Rivera me assustou. Ela me assustou pelo poder que emanava de sua coragem, sua determinação, sua cobrança da negação dos direitos civis para os *transgenders*, sua falta de pudor em mostrar sua emoção em público. Também afirmei que ela me emocionou. Enquanto escutava sua palestra, eu me emocionei com sua grande paixão pela vida, sua confissão da tentativa de suicídio

² Para maiores informações sobre a revolta de Stonewall, e o movimento de resistência à opressão dos gays, ver meu artigo indicado nas referências bibliográficas.

e, sobretudo, sua visão política que se baseia em dois pontos – a criação de casas para abrigo dos *transgenders* e a luta por direitos civis para essa minoria sexual. Me perguntei quantas pessoas existem nos EUA como ela que, abertamente, desafiam o sagrado *American way of life* e dedicam suas vidas à luta por um lugar naquela sociedade. No final de sua fala, eu cheguei à conclusão de que ela era fantástica. Chegou, portanto, minha vez de caminhar em sua direção e lhe dizer isso.

Meses mais tarde, recebi um *e-mail* que registrava a morte de Sylvia Rivera no dia 19 de fevereiro de 2002, devido a complicações de câncer no fígado. Por conseguinte, decidi ir ao seu velório para prestar-lhe as últimas homenagens. Ao chegar no local, percebi que a maioria das pessoas pertencia à comunidade *transgender*. Algumas examinavam meu corpo e meu rosto à procura de marcas que me identificassem como parte dessa comunidade. Como os velórios norte-americanos são diferentes dos brasileiros, decidi observar o ritual primeiro. As pessoas se aproximavam do caixão a fim de rezar ou conversar com Sylvia; algumas se ajoelhavam no genuflexório, ao passo que outras ficavam de pé. Quando senti que estava preparada, já havia planejado o que faria – iria ficar de pé e aproveitar a oportunidade para agradecer a ela pelo que havia me ensinado sobre a história dos EUA, mas, principalmente, pelo que havia me ensinado em termos de humanidade. No entanto, quando me aproximei do caixão para vê-la, pude sentir o impacto de seu corpo em um vestido prateado e um boá com as cores do arco-íris ao lado. Em um segundo, caí de joelhos chorando. Porque, naquele momento, Sylvia me ensinou uma grande lição: “a força reside na diferença”. Ajoelhar-me diante de seu corpo foi um gesto espontâneo para prestar minha homenagem a esse grande ser humano. Somente então pude emocionalmente compreender por que ela havia me amedrontado tanto quando eu a conheci em outubro. Eu fiquei com medo de sua força interior, medo do poder xamânico que emanava desse ser andrógino, dessa mulher com pênis. Eu chorei por muitos motivos: pela perda de uma ativista política, pela perda de uma pessoa que fez história, pela perda de uma grande líder carismática que tanto inspirou como ajudou dezenas de pessoas a transformar suas vidas. Não foi sem merecimento que ela ganhou o título de “mãe” do movimento *transgender*. Como não conseguia parar de chorar nem mesmo quando me sentei, duas *drag queens* tentaram me consolar e uma delas me deu um lenço bordado com estrelas prateadas para enxugar minhas lágrimas. Quando olhei para o lenço, imediatamente associei as estrelas de prata à cor do vestido de Sylvia e formulei a seguinte metáfora – Sylvia Rivera é Stella Manhattan – a estrela de Manhattan ao guiar outros *transgenders* a adquirir visibilidade.

No dia 26 de fevereiro de 2002, fui assistir o evento “A celebração da vida de Sylvia Rivera”, realizado no Metropolitan Community Center of New York (Centro Comunitário Metropolitano de Nova Iorque), e conduzido pelo Reverendo Pat Bumgardner. O mesmo

espaço onde Sylvia Rivera havia encontrado paz espiritual nos últimos anos de sua vida estava lotado com pessoas que se congregaram não para lamentar sua morte mas sim para celebrar sua vida. Devo registrar aqui que esse centro comunitário é dirigido por um pastor *transgender*. Como era de se esperar, a cerimônia foi organizada de forma alegre com músicas, orações e discursos. Gostaria de ressaltar nessa celebração a passagem bíblica escolhida para ilustrar o trabalho político de Sylvia. Extraída de Mateus 25: 31-40, suas linhas finais rezam: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizeste." De acordo com o Rev. Bumgardner, essas palavras definem bem a política de Sylvia - as pessoas *transgenders* deveriam ser retiradas das ruas para que tivessem uma vida decente. Uma das atividades do centro comunitário é servir comida diariamente para os sem-teto famintos. Sylvia fazia questão de participar dessa atividade. Nessa noite, pude observar que essa atividade não foi cancelada, mesmo com a realização do evento.

Diversas pessoas convidadas pela organização do evento foram ao microfone contar histórias sobre seu relacionamento com Sylvia, assim como acentuar a contribuição da ativista para a sociedade. Gostaria, porém, de destacar dois convidados: Martin Duberman e Leslie Feinberg. Para mim foi muito importante ter tido a chance de ouvi-los, uma vez que seus livros exercem grande influência em minha pesquisa. O historiador, que contou a trajetória de Sylvia em seu famoso livro *Stonewall*, anunciou, em primeira mão, que o CLAGS (Center for Lesbian and Gay Studies) (Centro para Estudos Lésbicos e *Gays* da Pós-Graduação da City University of New York) havia instituído o prêmio Sylvia Rivera para o melhor artigo ou livro sobre *transgenders*. Duberman revelou à audiência momentos importantes de suas entrevistas com Sylvia para a realização do livro acima mencionado. Ademais, também frisou as qualidades pessoais da líder que mais o impressionaram. Contudo, o que mais apreciei em sua fala foi a comparação de Sylvia a um xamã. Duberman afirmou que, se Sylvia tivesse vivido em outra cultura, ela seria indiscutivelmente respeitada como um xamã ou uma "pessoa de dois espíritos" (termo utilizado pelos índios norte-americanos), tanto por sua forte personalidade como sua ativa participação social. No entanto, como ela viveu na sociedade norte-americana contemporânea, foi vítima da estigmatização e violência que sofrem os *transgenders*. Sua comparação me lembrou da mesma imagem revelada no inédito "Glamour Queens", citado anteriormente.

O discurso de Leslie Feinberg foi pontuado por lembranças pessoais de Sylvia. Feinberg recordou a ocasião em que foram algemados juntos em uma prisão devido à sua sexualidade trans-gressora. Também aproveitou a oportunidade para fazer cobranças políticas, lembrando a comunidade do que ainda precisa ser realizado nos EUA para a aceitação dos *transgenders* na sociedade. Esse discurso ecoou as palavras de Thomas Jefferson na Declaração da Independência. Se os norte-americanos do século XXI, assim como

Jefferson, acreditam que todos os homens são criados iguais e que têm o direito à busca da felicidade, logo todos os cidadãos norte-americanos deveriam ser incluídos no slogan veiculado após o 11 de setembro, "United We Stand". Esses cidadãos deveriam se unir pela paz e pela igualdade. E contra o preconceito, a intolerância e o ódio. O país precisa, portanto, de líderes corajosos que lutem por direitos civis para garantir a tão sonhada cidadania a todos os norte-americanos.

No final da cerimônia me dei conta de que estava vivendo um momento ímpar. Somente alguém do calibre de Sylvia Rivera teria o poder de reunir pessoas de diversos níveis sociais, com inclinações sexuais diferentes, com o intuito de celebrar a vida de uma líder política que fez história. Pude identificar na numerosa audiência alunos *transgenders* da NYU que também foram prestar sua homenagem àquela que tornou possível assumir sua sexualidade transgressora em público. Como pesquisadora, consegui entender por que a nova geração de *transgenders* muito devia à Sylvia. Indiscutivelmente, ela foi a "mãe" de toda uma geração.

No conto "Ethan Brand" de Nathaniel Hawthorne (HAWTHORNE, 1986), o protagonista abandona sua cidade natal em busca do pecado imperdoável. Após longos anos no exterior dedicados à vida intelectual, ele finalmente retorna à casa. A resposta residia em seu próprio coração, que era de mármore. Ethan Brand passou sua vida imerso em seus livros, porém negligenciou sua humanidade. Sylvia Rivera me deu a chance de não cometer o pecado imperdoável – tratar os *transgenders* como objeto de pesquisa e não como seres humanos. Para mim, Manhattan tem uma estrela que brilha no céu e cuja luz guiou muitas vidas. Essa Stella Manhattan também direcionou o rumo de minha pesquisa e me tornou mais humana.

Abstract

My reading of the novel Stella Manhattan, by Silviano Santiago, gives room to the discussion of a transnational experience in which the construction of affectivity and the political questioning are present: the meeting with the political activist and Stonewall veteran, Sylvia Rivera.

Keywords: *Transgender. Sexuality. US history.*

Referências

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1966.

BERUTTI, Eliane Borges. Voz, olhar e experiência *gay*: resistência à opressão. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). *A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002. p. 23-32.

CURRAH, Paisley; MINTER, Shannon. *Transgender equality: a handbook for activists and policymakers*. New York: The Policy Institute of NGLTF: The National Center for Lesbian Rights, 2000.

DUBERMAN, Martin. *Stonewall*. New York: Penguin, 1994.

HAWTHORNE, Nathaniel. Ethan Brand. In: _____. *Nathaniel Hawthorne's tales*. Edited by James McIntosh. New York: W. W. Norton, 1986. p. 231-243.

MOORE, Rusty Mae. *Glamour queens*. Manuscrito inédito. 3 p.

_____. *Sylvia Rivera at Transy House*. Manuscrito inédito. 20 p.

SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.